

VESTIBULAR 1º semestre 2012 CEFET-MG

Transferência de Curso de Graduação

Engenharia Ambiental
Engenharia de Materiais
Química Tecnológica

Caderno de Provas

Redação
Língua Portuguesa e Literatura Brasileira

Nome do candidato

Por favor, abra somente quando autorizado.



PROGRAMA
**Coleta Seletiva
Solidária**
CEFET-MG

O **CEFET-MG** é parceiro da **Coleta Seletiva Solidária** e encaminhará todo o papel deste caderno de provas para reciclagem.

INFORMAÇÕES GERAIS

1. Este caderno contém **01** questão discursiva de **Redação** e **12** questões de múltipla escolha de **Língua Portuguesa e Literatura Brasileira**, numeradas de **01 a 12**.
2. Nenhuma folha deste caderno poderá ser destacada. O candidato poderá levar somente o Quadro de Respostas (rascunho), desde que seja destacado pelo aplicador.
3. A prova terá **3 horas e 30 minutos** de duração, incluindo o tempo necessário para marcar as respostas.

INSTRUÇÕES

1. Identifique o Caderno de Provas, colocando o seu nome completo no local indicado na capa.
2. Leia, atentamente, cada questão antes de responder a ela.
3. Não perca tempo em questão cuja resposta lhe pareça difícil; volte a ela, quando lhe sobrar tempo.
4. Faça os cálculos e rascunhos neste Caderno de Provas, quando necessário, sem uso de máquina de calcular.
5. Marque a Folha de Respostas, preenchendo, corretamente, a opção de sua escolha. O número de respostas deverá coincidir com o número de questões.
6. Devolva ao aplicador este Caderno de Provas e a Folha de Respostas.

OBSERVAÇÃO

Este caderno de provas foi redigido em conformidade com as normas ortográficas da Língua Portuguesa que estavam em vigor antes do Acordo Ortográfico. Tal procedimento fundamenta-se no Art. 2º, parágrafo único do Decreto-Lei Nº 6.583, de 29/09/2008.

Art. 2º § Único: “ A implantação do Acordo obedecerá ao período de transição de 1º de janeiro de 2009 a 31 de dezembro de 2012, durante o qual coexistirão a norma ortográfica atualmente em vigor e a nova norma estabelecida.”

REDAÇÃO

POSICIONE-SE, em um artigo de opinião voltado para o público jovem, a respeito deste texto de capa da Revista Veja, considerando a questão **POR QUE LER AINDA É DECISIVO**.

The image shows the cover of the magazine 'Veja'. At the top left, there is a small logo for 'Abril' and a barcode. The magazine title 'veja' is prominently displayed in a large, stylized font. To the right of the title, it says 'Editora ABRIL', 'edição 2217 - ano 44 - nº 20', and '18 de maio de 2011'. Below the title, the website 'www.veja.com' is listed. The main text on the cover is a paragraph discussing the decline of reading among young people in the internet era. The text is arranged in several lines, with some words in larger, bold fonts to emphasize the main message.

Edição ABRIL
edição 2217 - ano 44 - nº 20
18 de maio de 2011

www.veja.com

A CADA NOVA GERAÇÃO, RENOVA-SE A SENSÇÃO DE QUE
NAS PASSADAS SE LIA MAIS E SE FAZIA MENOS SEXO.
DUPLO ENGAÑO. A RAPAZIADA, EM TODOS OS TEMPOS,
FOI COM IGUAL ÍMPETO AO POTE. A RAZÃO

POR QUE A LEITURA PARECE ESTAR EM BAIXA
É QUE ESTAMOS EM PLENA ERA DA INTERNET. SÓ PARECE.
POIS O QUE SE VÊ É A MULTIPLICAÇÃO DOS JOVENS QUE
GOSTAM DE **LER**, RECONHECENDO QUE UM BOM TEXTO
AINDA É, PARA A VIDA PESSOAL
E PROFISSIONAL, UM INSTRUMENTO **DECISIVO**

RASCUNHO

LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA

As questões de (01) a (07) referem-se ao texto seguinte.

O Enem pode prejudicar o ensino de literatura nas escolas?

Há algo de muito errado no Enem (Exame Nacional do Ensino Médio). É verdade, ele veio junto com ótimas iniciativas do MEC: um enorme aumento de oferta de vagas das universidades federais; uma saudável horizontalização do exame de ingresso nas universidades, puxando para diante regiões conservadoras e oferecendo mobilidade para milhares de jovens; programas multidisciplinares que tendem a abolir questões dependentes de mera decoreba e a propor outras mais criativas, que privilegiam a leitura atenta e o raciocínio.

Mas o Enem (ele mesmo e seu papel institucional) carrega muitos e graves problemas. Ao se impor como exame quase universal de acesso ao ensino federal superior, ele na prática bloqueia experiências inventivas; ele passou de exame diagnóstico do ensino médio para exame de ingresso à universidade sem a devida reflexão sobre as consequências disso; e, finalmente, no mesmo processo de horizontalização que criou, impôs a existência de um mercado nacional que tem gerado concentração de vagas, para os cursos mais procurados, na mão de candidatos das regiões mais ricas, que em regra oferecem ensino mais exigente.

O caso aqui abordado, envolvendo a literatura, se soma aos problemas anteriores. É menos visível, mas pode botar a perder esforços importantes. Mas antes de entrar no detalhe, é preciso reter uma preliminar, óbvia para quem trabalha no ensino médio mas invisível para quem vive apenas na universidade ou nos gabinetes de Brasília: desde os anos 1960, quando a universidade no Brasil passou a ser procurada massivamente, há sempre mais candidatos do que vagas, e os vestibulares passaram a ser o paradigma maior do ensino médio.

O que cai no vestibular entra no programa de ensino da escola; o que não cai, deixa de existir, com raríssimas exceções. Então cabe a indagação: o que o Enem está cobrando em literatura?

Entre a leitura e a cultura

O Enem apresenta perguntas sobre literatura? Sim. Mas a natureza e a qualidade dessas perguntas fazem pensar que o futuro do ensino nessa área está em vésperas de sofrer um golpe.

O caso é que o Enem tende a tratar o texto literário como um texto qualquer. Forçando um pouco, dá para dizer que o Enem tende a tratar um poema de Drummond ou um conto de Machado de Assis no mesmo nível de uma reportagem de jornal, uma tira em quadrinhos ou um anúncio publicitário. Examinando a filosofia da prova da área que abrange a literatura, “Linguagens, códigos e suas tecnologias” (nome aborrecidamente tecnocrático para um ajuntamento de Português, Literatura, Tecnologia da Informação e, sim, Linguagem Corporal!), se percebe que quem comanda é o variacionismo, que pouca atenção dá à tradição literária culta, preferindo uma abordagem que avalia a destreza de leitura operacional, nada mais. O Enem quer da literatura a proficiência de leitura, sem ação detida ao ambiente cultural letrado; e nós, professores de literatura, queremos da literatura isso mas também a cultura, o contexto, as relações entre os textos e os autores. Simplificadamente: o Enem examina a literatura-leitura, e nós queremos também a literatura-cultura.

É ótimo que o Enem despreze as perguntas cretinas de certos vestibulares, que querem a mera decoreba e os clichês, que lamentavelmente ainda têm força em colégios e cursinhos. Ocorre que o bom ensino de literatura há tempos não faz isso, e se o fazia era para atender exatamente à cretinice de certos vestibulares. Certo, há questões mais delicadas: desde que o ensino formal existe no Brasil, a área de literatura foi governada pela visão escolástica, primeiro jesuítica, depois nacionalista, depois determinista etc. Não foi o vestibular de massas que inventou essa imbecilidade de que ensinar literatura é igual a impor interpretações canônicas sobre os livros: desde 1500 estamos nas antípodas do ensino emancipador na área.

Parêntese: um graduado agente do MEC defendeu em público o estilo das provas do Enem por serem, na visão dele, um antídoto contra os nefastos cursinhos, encarnações do capeta. Uma tolice, obviamente: em sociedade livre, quando há mais candidatos-vagas tendem a se criar mecanismos de preparação, como os cursinhos. Que eles não devem dar o tom da prova nem dos programas de ensino, é óbvio; mas que uma filosofia de prova possa acabar com eles, é fantasia esquerdista.

A tal prova de “Linguagens etc.” inclui literatura, mas em seu programa não define qualquer escritor, gênero literário, período de tempo, nada. O que cai na prova são itens abstratos, pertinentes (por exemplo “relações entre a dialética cosmopolitismo/localismo e a produção literária nacional”), mas imprecisos e até obscuros se vistos desde o ensino médio; este, é claro, já está tratando de preparar os alunos para a prova do Enem, mas na prática as escolas estão tentando adivinhar o que cai no exame.

Com este Enem, por sua filosofia e por sua força institucional, estamos caminhando para programas de literatura no ensino médio desencarnados, sem densidade cultural, tendo no centro princípios abstratos que parecem poder ser atendidos praticamente sem leitura direta dos textos literários. Nada auspicioso para quem quer formar leitores destros e cultos, e por isso autônomos.

(FISCHER, Luís Augusto. Disponível em < <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2011/08/13/o-enem-pode-prejudicar-ensino-de-literatura-nas-escolas-398339.asp>>. Acesso em 19 set. 2011)

QUESTÃO 01

O principal objetivo do texto é

- a) criticar as questões do ENEM que exigem do candidato a memorização de informações.
- b) argumentar a favor da horizontalização dos exames de entrada para as universidades.
- c) reivindicar uma abordagem da literatura que considere sua dimensão cultural e seu papel na formação de leitores críticos.
- d) chamar atenção para o fato de que ENEM e vestibulares são paradigmas para os programas das escolas de ensino médio.
- e) defender a idéia de que o ensino de literatura deve se pautar na tradição dos movimentos literários e no estudo de seus cânones.

QUESTÃO 02

“Há algo de muito errado no Enem (Exame Nacional do Ensino Médio). É verdade, ele veio junto com ótimas iniciativas do MEC: um enorme aumento de oferta de vagas das universidades federais; uma saudável horizontalização do exame de ingresso nas universidades, puxando para diante regiões conservadoras e oferecendo mobilidade para milhares de jovens; programas multidisciplinares que tendem a abolir questões dependentes de mera decoreba e a propor outras mais criativas, que privilegiam a leitura atenta e o raciocínio.”

A função do trecho em destaque, em relação à frase que o antecede, do ponto de vista argumentativo, é

- a) introduzir um novo assunto.
- b) explicar a idéia nela contida.
- c) complementar a informação que ela traz.
- d) enumerar argumentos que a comprovem.
- e) fazer uma ressalva à opinião que ela expressa.

QUESTÃO 03

O autor manifesta de modo explícito sua opinião em:

- a) "O ENEM apresenta perguntas sobre literatura? Sim."
- b) "... um graduado agente do MEC defendeu em público o estilo de provas do ENEM..."
- c) "O que cai no vestibular entra no programa de ensino da escola; o que não cai deixa de existir..."
- d) "desde os anos de 1960, quando a universidade passou a ser procurada massivamente, há sempre mais candidatos que vaga..."
- e) "Ocorre que o bom ensino de literatura há tempos não faz isso, e se o fazia era para atender exatamente à cretinice de certos vestibulares."

QUESTÃO 04

“Certo, há questões mais delicadas: desde que o ensino formal existe no Brasil, a área de literatura foi governada pela visão escolástica, primeiro jesuítica, depois nacionalista, depois determinista etc. Não foi o vestibular de massas que inventou essa imbecilidade de que ensinar literatura é igual a impor interpretações canônicas sobre os livros: desde 1500 estamos nas antípodas do ensino emancipador na área.”

Na passagem acima, o autor critica principalmente a(o)(s)

- a) interpretações canônicas sobre os livros.
- b) clichês impostos pelo vestibular de massas.
- c) métodos que sustentam o ensino formal no Brasil.
- d) tradicionalismo que marca o ensino de literatura no país.
- e) predomínio da abordagem escolástica na área de literatura.

QUESTÃO 05

“o Enem examina a literatura-leitura, e nós queremos também a literatura-cultura.”

Analisando essa passagem, pode-se inferir, corretamente, que a literatura-cultura privilegia a(o)s

- a) aspectos formais do texto literário.
- b) especificidades da linguagem literária.
- c) habilidades de leitura crítica dos alunos.
- d) relações entre o texto e as diferenças sociais.
- e) características da literatura enquanto produção artística.

QUESTÃO 06

Os dois pontos podem ser substituídos por um conectivo com valor de explicação em:

- a) “Simplificadamente: o Enem examina a literatura-leitura, e nós queremos também a literatura-cultura.”
- b) “É verdade, ele veio junto com ótimas iniciativas do MEC: um enorme aumento de oferta de vagas das universidades federais; (...)”
- c) “Uma tolice, obviamente: em sociedade livre, quando há mais candidatos-vagas tendem a se criar mecanismos de preparação, como os cursinhos.”
- d) “Parêntese: um graduado agente do MEC defendeu em público o estilo das provas do Enem por serem, na visão dele, um antídoto contra os nefastos cursinhos, encarnações do capeta.”
- e) “Certo, há questões mais delicadas: é que o ensino formal existe no Brasil, a área de literatura foi governada pela visão escolástica, primeiro jesuítica, depois nacionalista, depois determinista etc.”

QUESTÃO 07

A passagem em que **NÃO** há emprego de linguagem figurada é

- a) “O caso aqui abordado, envolvendo a literatura, se soma aos problemas anteriores.”
- b) “Mas o Enem (ele mesmo e seu papel institucional) carrega muitos e graves problemas.”
- c) “... a natureza e a qualidade dessas perguntas fazem pensar que o futuro do ensino nessa área está em vésperas de sofrer um golpe.”
- d) “Examinando a filosofia da prova da área que abrange a literatura, ‘Linguagens, códigos e suas tecnologias’ [...], se percebe que quem comanda é o variacionismo...”
- e) “Com este Enem, por sua filosofia e por sua força institucional, estamos caminhando para programas de literatura no ensino médio desencarnados, sem densidade cultural...”

As questões de (08) a (10) referem-se ao trecho do romance *O encontro marcado* (1956), do escritor mineiro Fernando Sabino.

“[...] O professor era poeta, tinha noventa sonetos prontos, quando completassem cem publicaria um livro. [...] O professor só queria assim, era contra os futuristas:

– Olhem aqui: vejam se isso é poesia: “É preciso fazer um poema sobre a Bahia... Mas eu nunca fui lá”. Vejam este outro: “Café com pão, café com pão, café com pão, café com pão...”

Os meninos riam.

– Agora vejam: “A lua banha a solitária estrada...”

E, para acabar, “a lua a solitária estrada banha”. Reparassem: no princípio a estrada ainda vazia, eles vinham vindo, os fidalgos, de volta da caçada, as trompas soando, o remanso da noite embalsamada. Depois eles passam, alegres, rindo, cantando, e agora já passaram, foram para o lado de lá, portanto a lua *não banha* a solitária estrada. A lua *a solitária estrada* banha... Quer dizer que mudamos de posição, de *pers-pec-ti-va!* Até isso o soneto tinha. Para tanto era preciso conhecer o léxico.”

(SABINO, Fernando. *O encontro marcado*. 67. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 24-25)

QUESTÃO 08

A cena extraída desse romance de Fernando Sabino tem como pano de fundo o contexto cultural brasileiro da(o)(s)

- a) fim do século XIX.
- b) início do século XX.
- c) anos 80 do século XX.
- d) primeira metade do século XIX.
- e) décadas de 50 e 60 do século passado.

QUESTÃO 09

Os dois poemas criticados pelo professor no segundo parágrafo têm, como traço mais marcante, respectivamente, a(o)

- a) rima e a metrificação.
- b) regionalismo e o verso livre.
- c) ruptura sintática e o uso da anáfora.
- d) nacionalismo crítico e a estrutura rítmica.
- e) coloquialismo e a valorização do cotidiano.

QUESTÃO 10

Considere os seguintes fragmentos, extraídos do livro *Cadernos de João* (1957), do escritor mineiro Aníbal Machado:

- I - "Artista do verso, muitas vezes inimigo inesperado da poesia..."
- II - "O fato mais corriqueiro da vida cotidiana – é sempre incompleto para o poeta: só acaba de acontecer depois que se cristaliza em poesia."
- III - "Uma ordem social anti-humana e injusta perturba o sono dos poetas. Não querer tomar conhecimento dela é fazer-se cúmplice de uma evasão que humilha e enfraquece a poesia."
- IV - "A imagem poética, em súbita aparição, já vem com os ritmos orgânicos que a prendem a todo o sistema do Universo."
- V - "Treme o espírito burguês em seus fundamentos cada vez que se abebera em livros de sintaxe indisciplinada. O conforto cívico da boa linguagem! Como se a jóia mais bem lavrada não pudesse esconder o veneno mais ativo."

Há referência ao estilo de época valorizado pelo professor do romance de Sabino em:

- a) I e III.
- b) I e V.
- c) II e III.
- d) II e IV.
- e) IV e V.

QUESTÃO 11

Uma leitura do livro

“Abre a capa que pode ocultar a espada a folha de guarda, o falso rosto, o rosto o título, o nome, agora em maiúsculas que já é o índice do que se vai ler e imaginar: cada página virada é o mais puro movimento do pensamento que encontra nesta superação a sua melhor imagem. Mas é no claro e escuro da entrelinha que o autor e o leitor se confundem: um de um lado, outro do outro da grade do texto- quem está dentro ou fora? - até que a capa se feche.”

(FREITAS FILHO, Armando. *Raro mar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.)

O poema acima **NÃO** apresenta

- a) versos livres.
- b) oposição entre autor e leitor.
- c) referência a partes de um livro.
- d) concepção de leitor como co-autor do texto.
- e) destaque para a expectativa em relação ao que será lido.

QUESTÃO 12

Considere os seguintes poemas.

Outra receita

Da linguagem, o que flutua
ao contrário do feijão à João
é o que se quer aqui, escrevível:
o conserto das palavras, não só
o resultado final da oficina
mas o ruído discreto e breve
o rumor de rosca, a relojoaria
do dia e do sentido se fazendo
sem hora para acabar, interminável
sem acalmar a mesa, sem o clic
final, onde se admite tudo –
o eco, o feno, a palha, o leve –
até para efeito de contraste
para fazer do peso – pesadelo.
E em vez de pedra quebra-dente
para manter a atenção de quem lê
como isca, como risco, a ameaça
do que está no ar, iminente.

(FREITAS FILHO, Armando. *Raro mar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.)

Catar feijão

1.

Catar feijão se limita com escrever:
joga-se os grãos na água do alguidar
e as palavras na folha de papel;
e depois, joga-se fora o que boiar.
Certo, toda palavra boiará no papel,
água congelada, por chumbo seu verbo:
pois para catar esse feijão, soprar nele,
e jogar fora o leve e oco, palha e eco.

2.

Ora, nesse catar feijão entra um risco:
o de que entre os grãos pesados entre
um grão qualquer, pedra ou indigesto,
um grão imastigável, de quebrar dente.
Certo não, quando ao catar palavras:
a pedra dá à frase seu grão mais vivo:
obstrui a leitura fluviente, flutual,
açula a atenção, isca-a como o risco.

(MELO NETO, João Cabral de. In: - *A Educação pela pedra*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1965.)

Sobre esses poemas, afirma-se:

I - Ambos são textos caracterizados pela metalinguagem.

II - A pedra tem a função, neles, de despertar o interesse do leitor.

III - Ambos dialogam com o Parnasianismo, pela defesa da "arte pela arte".

IV - Em "Outra receita", admite-se o leve, o oco, a palha, diferentemente do que ocorre em "Catar feijão".

Estão corretos apenas os itens

a) I e II.

b) I e IV.

c) II e III.

d) I, III e IV.

e) II, III e IV.



Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
Processo Seletivo • 1º semestre 2012

Transferência de Curso de Graduação

Quadro de Respostas (rascunho)

Língua Portuguesa e
Literatura Brasileira

01. A B C D E

02. A B C D E

03. A B C D E

04. A B C D E

05. A B C D E

06. A B C D E

07. A B C D E

08. A B C D E

09. A B C D E

10. A B C D E

11. A B C D E

12. A B C D E

- Tanto as questões quanto o gabarito das provas estarão disponibilizados na Internet, a partir das **18 horas**, do dia **27 de novembro de 2011**.
- O **resultado oficial** será publicado a partir das **12 horas** do dia **22 de dezembro de 2011**, no endereço eletrônico da COPEVE.
www.copeve.cefetmg.br
- Informações sobre matrícula devem ser consultadas no Manual do Candidato.
- Será automaticamente eliminado do Processo Seletivo o candidato que sair com o Caderno de Provas e/ou com a Folha de Respostas do local de aplicação de provas.

COPEVE
CEFET-MG
Comissão Permanente de Vestibular


CEFET-MG
CENTRO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA
DE MINAS GERAIS